

## **Barão Vermelho e Folkcomunicação: análise da cultura popular brasileira**

Vernihu Oswaldo Pereira NETO<sup>2</sup>  
Marislei RIBEIRO<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

### **RESUMO**

Este artigo tem por objetivo analisar a influência da banda Barão Vermelho na cultura popular brasileira. Tendo como base a teoria de Luiz Beltrão a Folkcomunicação, analisei as músicas e história do Barão e de seu líder Cazuza. Como resultado encontrei exemplos comprovatório da teoria, se adequando nas três categorias de grupos culturalmente excluídos, Cazuza pode ser classificado como um líder messiânico e a banda Barão Vermelho pode ser classificada como erótico-pornográfica no começo da carreira e político-ativista em uma fase mais madura. Tal análise ratifica a importância da cultura popular na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Barão Vermelho; Cazuza; Folkcomunicação; Luiz Beltrão

### **Introdução:**

Luiz de Andrade Beltrão. Jornalista, escritor e teórico, foi o responsável pela criação da teoria da comunicação brasileira denominada folkcomunicação. Beltrão (1980) pesquisou acerca da cultura produzida nas ruas, para o folclore, para os artistas que não eram reconhecidos pelas artes clássicas, para as histórias transmitidas oralmente, para o cordel, para a música que vinha dos morros e garagens. Garagem como a dos pais de Mauricio Barros, tecladista do que viria a ser uma das maiores banda da história do Brasil, o Barão Vermelho.

Depois do nascimento da banda Barão Vermelho a música brasileira seria revolucionada. Cazuza, Frejat e companhia, mudaram a música e a sociedade brasileira da época e de todas as gerações seguintes. Fazendo a ponte de ligação entre a tropicália

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFPEL, email: vernihu.pereira.oswaldo@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Adjunta do Curso de Jornalismo da UFPEL, email: marisrib@terra.com.br

e o punk, o samba e o rock, o Barão uniu Cartola a Rita Lee e unificou a música brasileira. Os jovens, de classe média alta, marginalizados pela sociedade, buscaram seu lugar ao sol e a juventude brasileira passou a ter papel importante no momento político pelo qual passava o Brasil.

Em vista disso, este trabalho busca unir as obras de Luiz Beltrão e do Barão Vermelho dentro do imenso universo da cultura popular brasileira. Analisando as letras e a história do Barão. A música brasileira sempre teve suma importância dentro da sociedade, se nos versos roucos de Cartola, na precisão técnica de Villa-Lobos ou na poesia de Caetano e Gilberto Gil ou na voz potente de Roberto e Elis. Mas foi no barulho das bandas de rock que a juventude se encontrou e conseguiu tirar forças para lutar contra o governo que, segundo sua ideologia, os reprimia.

Em meio à atmosfera pesada que o Brasil vivia com a ditadura militar surgia uma banda de rock, que unia Dolores Duran aos Punks, a malandragem das esquinas cariocas as guitarras dos Rolling Stones e assim o Barão Vermelho mudou a forma como a música afetava a vida das pessoas.

## **Metodologia**

Para a elaboração deste artigo foi utilizada a teoria da folkcomunicação de Luiz Beltrão para caracterizar as músicas do Barão Vermelho. Em paralelo à isso foi utilizado a técnica de pesquisa documental, que é definida pelo autor Antonio Carlos GIL (2008, p. 51) como:

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

## **Folkcomunicação, a cultura do povo**

A folkcomunicação é a primeira teoria da comunicação brasileira, termo surgido após trabalhos de Luiz Beltrão. A teoria se baseia na comunicação através da cultura popular, do folclore, da música que vem das ruas para as gravadoras. Beltrão (1980) usou como base para seus estudos o trabalho do pesquisador austríaco, naturalizado estadunidense, Paul Felix Lazarsfeld que dizia que o processo de comunicação se da

em dois momentos: o comunicador passa a informação ao líder de opinião e este repassa aos demais integrantes de seu grupo de influência.

Beltrão defendia que a folkcomunicação seria a comunicação dos grupos excluídos social e culturalmente. O grupo social foi dividido entre duas categorias os grupos rurais e os grupos urbanos, mas a ambos cabem algumas características parecidas: pessoas simples e com pouco estudo.

O grupo rural normalmente se caracteriza por um dialeto reduzido e regional, a sociedade se baseia na tradução oral para manutenção de regras sociais e de histórias como as lendas e os causos. Pessoas como pastores, padres, ou mesmo os mais velhos são líderes dentro dessa mini sociedade.

Já o social são pessoas que moram nas periferias e trabalham em subempregos, ou empregos que não exigem qualificação, como a construção civil, trabalhos domésticos, etc. ou então como pequenos comerciantes e pessoas que vivem de atividades ilegais, nas palavras de Beltrão, “ladrões, prostitutas, proxenetas, passadores de “bicho” e foragidos da justiça.”

Apesar dos jovens da década que revolucionaram a música brasileira na década de oitenta não se encaixarem em nenhum dos grupos socialmente excluídos, por serem jovens de classe média alta, em sua maioria, filhos de empresários, militares ou políticos, eles eram culturalmente e politicamente excluídos, o grito de liberdade daquela geração que vivia sob domínio militar veio a partir da arte.

Luiz Beltrão defendia a tese de que existem três grupos culturalmente marginalizados: o messiânico, o político-ativista e o erótico-pornográfico. Que eram definidos, pelo autor da seguinte forma:

O grupo messiânico é composto “de seguidores de um líder carismático, cujas idéias religiosas representam contrafações, adulterações, exacerbações ou interpretações personalíssimas de dogmas e tradições consagradas pelas crenças ou denominações religiosas estabelecidas e vigentes no universo da comunicação social”. O grupo político-ativista “tem uma ideologia que a comunidade, em sua grande maioria, considera exótica ou insuportável. São indivíduos decididos a manter estruturas de dominação e opressão vigentes ou revolucionar a ordem política e social em que se fundamentam as relações entre os cidadãos, empregando a força como a arma principal para impor suas diretrizes”. O grupo erótico-pornográfico é composto de pessoas que “não aceitam a moral e os costumes que a comunidade adota como sadios, propondo-se a reformá-los em nome de uma liberdade que não conhece limites à satisfação dos desejos sexuais e práticas hedônicas consideradas perniciosas pela ética social em vigor”. (BELTRÃO, 1980, p. 103-104).

---

Para Carneiro (1965, p. 136), “somente o que é popular é folclórico. Entende-se por popular o que emana direta ou indiretamente do povo – dos operários, dos camponeses, das camadas inferiores da população, dos grupos sem o comando na sociedade [...]” O Barão colocou elementos folclóricos em grande parte de suas canções, trazendo muitas vezes o malandro carioca, ou então, elementos do dia a dia das pessoas especialmente do fluminense, citando bairros, praias, ou pontos turísticos do estado.

A banda Barão Vermelho se encaixa nos grupos político-ativista e erótico-pornográfico. Mas seu líder Cazuzza pode ser colocado como um líder messiânico, se não, por idéias religiosas, por opiniões contrárias a dogmas da igreja, ou mesmo dogmas sociais como a luta contra a homofobia.

Luiz Beltrão escreveu sua teoria se baseando por quadros de igrejas onde as pessoas deixavam anúncios ou declarações aos santos, com uma cultura que nunca chegaria às grandes mídias, mas nem por isso poderia ser esquecida.

A pesquisadora Maria Cristina Gobbi define a folkcultura da seguinte maneira:

Várias são as facetas da cultura popular e as formas de manifestações presentes na vida cotidiana. Quer por contornos festivos, pela manutenção das tradições, pelas brincadeiras de criança, pela música, pelo canto, pelos símbolos, pelo cordel, pelas histórias contadas de geração para geração, pelos mitos e lendas ou aquelas devocionais, permeadas por manifestações de fé e de devoção, entre muitas outras. Isso tudo evidencia a maneira como a Folkcomunicação ajuda no entendimento dos vários cenários, dos múltiplos atores participantes da ação comunicativa, dos diversos formatos de comunicar e de suas interações com a cultura, oferecendo significados peculiares para a tradição popular. (2014, p. 369-370)

Já o pesquisador Juremir Machado da Silva (2014, p.414) compara as pesquisas de Beltrão ao historiador estadunidense Robert Darnton que em um de seus livros “O grande massacre de gatos” busca demonstrar como o povo vê o mundo, como as pessoas simples conferiam significado e emoção ao ambiente que as cercava. Juremir define o pensamento de Darnton da seguinte forma: “O “homem do povo” lê o mundo tanto quanto o intelectual, mas com lentes diferentes. A cada um o seu totem.”

Beltrão (1980) concordava que os grupos sociais marginalizados têm condições de se integrar a sociedade, mas não estavam de acordo com essa sociedade. Ou seja,

carregavam um totem diferente do presente na maior parte da sociedade, contestavam a moral oficial, os costumes e, porque não, o dialeto.

A banda Barão Vermelho especialmente por influencia de Cazuzza trouxe vários ritmos para formar um som único, com letras que lembravam os velhos sambas ou os poemas de Vinicius e Tom, acordes que traziam um pouco do blues, do samba, da tropicália e da bossa, e uma atitude que misturava o punk paulista com algo de Janis Joplin. Cazuzza e Frejat eram poeta e músico respectivamente e juntos provaram, mesmo sem querer, que Luiz Beltrão estava certo quando escreveu sua teoria.

Cazuzza, Frejat, Renato Russo, Herbert Vianna, e tantos outros trouxeram a tona um novo totem, o totem da juventude que via um mundo à frente, sonhava com um mundo justo e igualitário, uma sociedade onde cor, opção sexual, dinheiro, tamanho ou forma não diferenciavam as pessoas. Onde a cultura fosse parte importante e a música tivesse sua devida importância dentro da sociedade. A música é como poder ver as coisas de que outro modo não poderia. È a coisa mais avançada que nós temos.

### **Você precisa descobrir o que está perdendo**

Neste item será feita a análise das músicas e carreira do Barão Vermelho, especialmente dos dois primeiros álbuns, dentro da teoria de Luiz Beltrão: folkcomunicação. Posicionando a banda dentro de duas das três categorias de excluídos culturalmente criadas por Beltrão, o político-ativista e o erótico-pornográfico.

Cazuzza, Frejat e o restante da banda ocuparam um lugar de influência a uma juventude de classe média que se sentia excluída pelo governo, e que queria lutar por igualdade, democracia e por um país melhor. Regados por drogas e bebidas representavam, e cantavam, a liberdade de uma geração que se sentia presa pelas algemas invisíveis da ditadura. Como na letra de “Posando de Star”.

Pouco importa o que essa gente vá falar mal  
 Falem mal. Eu já tô pra lá de rouco, louco total  
 Eu sou o teu amor, me entenda  
 Você precisa descobrir o que está perdendo  
 É, o que está perdendo! Botando banca  
 Posando de star

Onde os compositores criticam a sociedade que esconde, ou nega sua juventude, com seu ar superior, ignora tudo o que os jovens podem contribuir, ou mesmo dar ao bem maior da nação.

No começo de sua carreira o Barão trouxe letras mais românticas e poéticas para apenas depois trazer ataques a sociedade como em “Ideologia” ou “Brasil”. Pertencentes a uma geração que perdeu muitos de seus representantes para a AIDS ou para a overdose, cantaram a vida, pediram a liberdade, sofreram a repressão, mas ainda assim deixaram sua marca para sempre na vida de milhares de pessoas. Nesta primeira fase, é mais justo, classificar-los como pertencentes ao grupo *erótico-pornográfico* de Beltrão. Pois lutavam contra os paradoxos da sociedade, lutavam pelo direito das pessoas excluídas da sociedade como os gays, indiferentes aos mais velhos que pregavam uma sociedade seguindo princípios religiosos e consideravam erradas relações homofóbicas, ou mesmo a liberdade sexual, criminalizavam drogas e especialmente consideravam que o jovem tinha muito pouco, ou nada, a adicionar a sociedade. Cazuza se libertava, cantava suas alegrias e amores, mas também suas dores. Como na letra de “Narciso” onde o compositor conta a história de um amor mal resolvido e no refrão revela ser um amor entre dois homens com os versos “nós somos iguais, na alma e no corpo”.

### **As palavras se tornam tiros**

Com o passar do tempo o grupo foi passando para a categoria “politico-ativista”, pois com sua legião de fãs começou a conseguir atingir o governo com suas letras, com o apoio de milhares de artistas renomados que aos poucos se entregavam ao talento daquele jovem. Cazuza se tornou um líder, porque não um líder político, se drogava para acalmar seus monstros internos, cantava para libertar toda uma população de seus monstros reais. As letras de Cazuza traziam imagens fortes, que nos fazem pensar mesmo que intuitivamente, enquanto fala de amor nos faz pensar em um contexto geral da sociedade. Como na letra “Por aí”:

Se você me encontrar  
 Rodando pela casa  
 Fumando filtro  
 Roendo a mão  
 É que eu não tô sonhando

(...) Mas se eu tiver nos olhos  
Uma luz bonita  
Fica comigo  
E me faz feliz  
É que eu tô sozinho  
Há tanto tempo  
Que eu me esqueci  
O que é verdade  
E o que é mentira em volta de mim

“Estou sozinho há tanto tempo que eu esqueci o que é verdade e o que é mentira em volta de mim” sim, Cazuzza nos traz reflexões sociais escondidos em poemas de amor, as guitarras pesadas de Frejat nos lembram da pesada atmosfera política que passava assim como em “Todo amor que houver nessa vida” que uma linda declaração de amor é cuspidada da boca de Cazuzza, trazendo ódio no amor e abrilhantada pelos baixos pesados que marcam como tiros, o corpo daqueles que o ouvem.

No segundo disco da banda (Declare guerra!), ainda com Cazuzza na banda, o Barão realmente declarou guerra a pessoas e a autoridades como o governo e mesmo o papa, por “esquecerem” a população que sofria nas ruas, na aldeia em que todos nós vivemos, os compositores trouxeram elementos populares para mostrar ao povo que essa luta era de todos.

E pra te danar nada mais dá certo  
E pra te arrasar os falsos amigos chegam  
E pra piorar quem te governa não presta  
Declare guerra a quem finge te amar, declare guerra  
A vida anda ruim na aldeia  
Chega de passar a mão na cabeça de quem te sacaneia  
Vivendo em tempo fechado  
Correndo atrás de abrigo  
Exposto a tanto ataque, você tá perdido

A violência estava em todos os lugares no Brasil dos anos oitenta, pelo menos era assim que Cazuzza e Frejat viam as coisas. Até no amor, havia espaço para o ódio e para a violência. “Ver o amor como um abraço curto para não sufocar.” (Bilhetinho Azul).

Dentro da banda alguns desentendimentos começavam a acontecer, Cazuzza queria tocar “música boa” em suas próprias palavras, não importando se rock, samba, ou qualquer outro ritmo. Frejat queria ter uma banda apenas de rock. Talvez na época Frejat não percebesse que o Barão já era uma mistura de ritmos, que as letras do samba de Cartola estavam presentes que o romantismo de Erasmo e Roberto esteve ali. A cultura erudita era trazida para as ruas a cultura popular se tornava erudita e o Barão ia produzindo música como nunca havia sido produzida antes.

Mas apesar disso Cazuzza em parceria com Frejat e Dé declarava amor aos seus “irmãos” de banda, uma réstia de amor em uma época tão turbulenta dentro da banda e da sociedade brasileira. Os compositores anteviam um novo tempo de paz, em que a chuva levaria tudo o que não presta para o mar e suas utopias finalmente seriam realidade.

Está chegando  
 Um novo tempo de paz  
 Junto com a chuva  
 Indo embora pro mar  
 E num improviso da jazz  
 Nossas manias se encontram  
 (...)  
 Sem paixão, tanto faz  
 Amor de irmão ta valendo mais

### **Um novo começo**

Assim que deixou a banda Cazuzza gravou “O Mundo é um moinho” de Cartola. Trazendo cada vez mais para a sua música os elementos da cultura popular brasileira, mas ainda no Barão, Cazuzza por muitas vezes se utilizou da folkcomunicação trazendo



elementos do imaginário brasileiro para suas músicas como em “Billy Negão” onde o compositor nos traz a figura do malandro carioca que comete diversos crimes tudo por causa de um “pobre coração rejeitado”. Ou ainda elementos religiosos como em “Certo dia na cidade” onde conta a história de alguém que se despede de sua família, pois descobriu o verdadeiro significado da vida e ele está na morte.

Já nem sei quanto tempo faz  
Ele foi como quem se distrai  
Viu na cor de um som a cor que atrai  
Foi num solo que não volta atrás

Utilizando-se de artifícios da poesia clássica como a sinestesia, Cazuza torna a morte algo leve, como uma triste canção aonde se vai junto com um belo solo.

Com o passar dos anos a maturidade e as mudanças políticas e sociais foram transformando Cazuza e o Barão letras com críticas mais diretas surgiram pedindo para o “Brasil mostrar sua cara” ou “uma ideologia para viver”, Cazuza apesar de seu status de ídolo se colocou como uma pessoa normal em “Brasil” e buscou elementos da rotina do brasileiro para demonstrar isso:

Não me sortearam  
A garota do Fantástico  
Não me subornaram  
Será que é o meu fim?  
Ver TV a cores  
Na taba de um índio  
Programada pra só dizer "sim, sim"

Cada vê mais Cazuza se desligou de sua banda e passou a ser reconhecido como um artista solo, como um poeta, o poetinha do Brasil. E dentro da teoria de Luiz Beltrão cada vez mais se tornou um líder Messiânico, apesar de não ter ideias propriamente religiosas lutava contra dogmas da igreja e por vezes trazia em suas músicas imagens que atacavam fortemente a igreja, como em “declare guerra” quando brada que “até o papa te abandona” ou então em “Guerra Civil” quando traz imagens fortes como forma de crítica a igreja:

Freiras lésbicas assassinas  
 Fadas sensuais  
 Me vigiam do décimo andar  
 (...)
   
 Foram frases decoradas  
 Tristes e sagradas  
 Feito missas toda a madrugada  
 Tem sempre um lugar  
 Onde você não está

Cazuza buscou trazer elementos das ruas, da cultura popular para dentro das suas músicas, o triste palhaço “Pierrot” é citado em uma de suas mais belas produções: “Faz parte do meu show”. Por muitas vezes Cazuza dialoga com a música popular brasileira conversando com obras de músicos como Lupicínio Rodrigues, Caetano Veloso e Ney Matogrosso. O compositor por vezes se baseia na literatura dialogando com poetas românticos como Alvarez de Azevedo. Em uma de suas mais perturbadoras obras “Só as mães são felizes” Cazuza cita escritores, músicos e poetas de diversas épocas em situações pitorescas, sempre com imagens fortes, ilustrando a podridão que aconteceria durante as noites o título da música é uma citação ao poeta beatnick Jack Kerouac. Em muitas de suas obras Cazuza cita elementos do folclore ou da cultura brasileira e estrangeira tornando suas canções parte do que Beltrão enxergava como folkcomunicação:

Nunca viu Lou Reed  
 "Walking on the Wild Side<sup>1</sup>"  
 Nem Melodia transvirado  
 Rezando pelo Estácio  
 Nunca viu Allen Ginsberg  
 Pagando michê na Alaska  
 Nem Rimbaud pelas tantas  
 Negociando escravas brancas

<sup>1</sup>- “Caminha pelo lado selvagem da noite.”

O eterno poetinha brasileiro tinha uma estreita ligação com sua cidade natal o Rio de Janeiro. Em vários momentos de sua obra a cidade é citada algumas vezes com tom crítico como em “Trem para as estrelas”:

Estranho o teu Cristo, Rio  
Que olha tão longe, além  
Com os braços sempre abertos  
Mas sem proteger ninguém

Onde Cazuzza se queixa à cidade do seu Cristo Redentor que lá de cima observa a todos, mas não protege ninguém. Em outras vezes o compositor se refere a cidade como se ela fosse um velho amigo lhe dando um ombro amigo “Ando na lua deserta das pedras do Arpoador” em “Rio de Janeiro love blues” o poeta descreve a rotina de um carioca atrás do seu grande amor, enquanto a cidade se move ao som de um blues.

Apesar das críticas de Cazuzza, ele era um garoto feliz, diferente de Renato Russo que carregava uma aura melancólica, a alegria estava sempre próxima a ele e o amor também. Ele cantou o ódio, as injustiças e a falta de liberdade, mas acima de tudo cantou o amor, o “amor de irmão”, o amor que se foi, ou o amor que ainda existe. Em uma de suas maiores obras bradou a todos:

É que eu preciso dizer que eu te amo  
Te ganhar ou perder sem engano  
Eu preciso dizer que eu te amo  
Tanto

Cazuzza foi uma alma livre, cantou, brigou, amou. Marcou para sempre a música brasileira, demonstrou que as novas gerações não precisam jogar fora o passado, e sim utiliza-lo para serem ainda melhores, criou, junto com seus contemporâneos, o “Rock Brasil”. Seus pais criaram a sociedade “Viva Cazuzza” para ajudar crianças e adolescentes soropositivos, tornando seu nome ainda mais importante para a história brasileira. Cazuzza está eternizado na música brasileira e nos corações de fãs de muitas gerações. Todas as letras das músicas foram retiradas de encartes de discos da banda.

---

## O Barão continua voando

E o Barão seguiu, paralelamente a Cazuza, sendo uma banda de rock com “r maiúsculo” uma banda de rock brasileiro. Mas uma banda de rock preocupada com a sociedade, com seu povo e sem esquecer sua história em uma das mais belas canções da música brasileira Frejat, que havia assumido os vocais, homenageia Cazuza o chamando de “Poeta” nome que se tornaria o apelido de Cazuza o “poetinha do Brasil”.

O poeta não morreu, foi ao inferno e voltou  
Conheceu os jardins do Éden e nos contou  
Mas quem tem coragem de ouvir  
Amanheceu o pensamento

Frejat e o Barão descobririam mais tarde que o rock é o mais eclético dos estilos musicais e aceita todos os outros dentro de si. Assim o Barão atravessou sua melhor fase nos anos 90 quando entendeu que o rock pode contar com a percussão, ou com instrumentos diferentes como a sanfona, ou mesmo o berimbau.

Nos anos dois mil o Barão teve longos períodos de pausa, interrompida por pequenas turnês sempre com shows lotados. Em 2017 Frejat deixa a banda e é substituído por Rodrigo Suricato.

O Barão Vermelho é a maior prova de que Luiz Beltrão estava certo com sua teoria a folkcomunicação foi comprovada por estes cariocas que só estavam interessados em fazer música... Acabaram mudando o mundo, influenciando gerações, comprovando teorias e acabando com preconceitos.

## Considerações Finais

Para fazer sucesso no Brasil é necessário aceitar elementos do samba, do sertanejo, aceitar tudo de bom que aqui é produzido. A cultura que desce dos morros cariocas, que surge das paredes de concreto de São Paulo, das cordas caipiras mineiras, do regionalismo da gaita gaúcha, do molejo dos baianos, dos sons naturais da Amazônia, do som produzido por cada tribo indígena brasileira. Tudo misturado a guitarra, o baixo e a bateria para ai sim produzir o legitimo: Rock Brasileiro, que difere

---

de todos os outros exatamente por ser aberto a tantos ritmos e a tantas figuras, aceitar cada personagem, cada brasileiro, cada criança ou idoso o rock é um bem imaterial brasileiro e serve para demonstrar o poder da música brasileira a pluralidade cultural brasileira para comprovar a teoria de Luiz Beltrão, comprovar que a cultura que vem do povo para a grande mídia também é cultura!

Cazuza foi um dos primeiros a entender isso, demorou a conseguir ensinar os outros, mas conseguiu e no vácuo deixado por seu imenso talento puxou outros tão ou até mais talentosos que ele como Herbert Viana, Renato Russo, Frejat, Nando Reis, Tony Belotto. E conseguiu um destaque para seus precursores que não havia sido dado: Os mutantes, Blitz, Ultraje a Rigor, foram catapultados com o sucesso do Barão Vermelho e de Cazuza. A música brasileira deve muito a Cazuza, e ao Barão Vermelho a “(...) banda de rock. Rock and Roll como não se usava mais fazer.” Foi a responsável pela criação do rock brasileiro. A música responsável por juntar todos os outros ritmos e mostrar que o Brasil é extremamente plural, mas se for unido produzirá algo mais bonito do que qualquer coisa produzida em qualquer outro lugar. Música, poesia, cultura, amor e alegria nascentes da voz rouca de um garoto, das guitarras, baixos, teclados e bateria, de outros garotos. Garotos como tantos que viveram e morreram lutando por um país melhor e mais justo.

Luiz Beltrão talvez não imaginasse que uma única pessoa poderia representar seus três grupos socialmente excluídos, nem que seriam jovens de classe média alta que comprovariam sua teoria, trazendo elementos populares, trazendo o folclore e, porque não, as histórias, causos, mitos, difundidos de boca a boca em cada bar, igreja ou praça brasileira. Cazuza, Frejat, Dé, Mauricio e Guto Goffi, elevaram o valor da juventude brasileira, e unificaram boa parte da cultura popular em músicas que influenciaram gerações, ajudaram a reinventar um governo e criaram um universo utópico para milhões de brasileiros.

“E se por acaso, doer demais. É porque valeu! Tudo é questão de obedecer ao instinto.”

## **IX – Referências Bibliográficas**

ALEXANDRE, Ricardo. Dias de Luta – O Rock e o Brasil dos anos 80; Porto Alegre. Arquipélago, 2014

GOBBI, Maria Cristina. Conceitos básicos da Folkcomunicação; São Paulo. Intercom, 2014

GUSHIKEN, Yuji. Folkcomunicação: Interpretação de Luiz Beltrão sobre a modernização brasileira. DISPONÍVEL EM <https://mail.google.com/mail/u/0/?tab=wm#inbox/15ac3f3e518291a3?projector=1>

BENJAMIM, Roberto. Folkcomunicação: Da proposta de Luiz Beltrão à contemporaneidade DISPONÍVEL EM: [http://www.eca.usp.br/associa/alaic/revista/r8-9/ccientifica\\_06.pdf](http://www.eca.usp.br/associa/alaic/revista/r8-9/ccientifica_06.pdf)

CORNIANI, Fabio. Afinal, o que é Folkcomunicação? DISPONÍVEL EM: [http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/7/73/26\\_afinal\\_o\\_que\\_e.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/7/73/26_afinal_o_que_e.pdf)

FERNANDES Mariana; FALCHETTO Giovanna; VIEIRA Helena; NOGUEIRA Rafaela; DE CARVALHO Ângela Maria. Folkcomunicação: Análise Das Influências Do Conceito Desde Sua Gênese Até A Contemporaneidade. DISPONÍVEL EM: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1592-1.pdf>

NASCIMENTO, Fabio Serra. Mentiras sinceras: Um estudo sobre as letras de Cazuza; Salvador. UFBA. 2005

ROCHEDO, Aline do Carmo. “Os filhos da revolução” A juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 80. Niterói. UFF. 2011

MAGI, Érica Ribeiro. FORA DOS PALCOS: RELAÇÕES ENTRE O ROCK BRASILEIRO E A CRÍTICA MUSICAL NOS ANOS 80. DISPONÍVEL EM: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Erica%20Ribeiro%20Magi.pdf>

SANTOS Jr Ivanildo P. dos; COLOMBO Macri Elaine. O Rock errou... A ascensão e queda (e o eventual retorno) do rock nas rádios brasileiras. DISPONÍVEL EM: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0374-1.pdf>

MAGI, Érica Ribeiro. ROCK AND ROLL É O NOSSO TRABALHO: A LEGIÃO URBANA DO UNDERGROUND AO MAINSTREAM. Marília. UNESP. 2011

CASTANHO, Ivi Matos. O rock brasileiro e sua participação na identidade cultural paulistana. São Paulo. USP. 2013

DOS SANTOS, Antonio Raimundo. Metodologia Científica: A construção do Conhecimento 8ª Ed. Rio de Janeiro. Lamparina. 2011

JACINTO, Thifani Postali. Musica e folkcomunicação: O blues como manifestação afro-americana. Sorocaba. UNISO. 2009

DA SILVA, Juremir Machado. Ainda existe o popular? Porto alegre. PUCRS. 2014

MARTINS, Marcel. Folkjornalismo: A Construção do Sentido Popular da Copa do Mundo de 2014. PUCRS. 2013